



RESENHA

POCOCK, John Greville Agard. O Conceito de Linguagem e o *Métier D'Historien*: Algumas Considerações sobre a Prática. In: POCOCK, John Greville Agard; MICELI, Sergio (org.). **Linguagens do Ideário Político**. Tradução de Fábio Fernandez. São Paulo: Edusp, 2003, pp. 63-82.

Ismael Wolf¹

O presente trabalho é uma resenha do ensaio intitulado “O Conceito de Linguagem e o *Métier D'Historien*: Algumas Considerações sobre a Prática”², do historiador britânico John Pocock. Para realizar tal tarefa, utilizei a tradução publicada no segundo capítulo do livro “Linguagens do Ideário Político”, lançado pela Edusp no ano de 2003. O livro em questão apresenta em seu conteúdo uma coletânea de textos de Pocock, selecionados pelo próprio autor em conjunto com Sérgio Miceli³.

Antes que se inicie a falar efetivamente do texto sobre o qual se debruça esse trabalho, gostaria de fazer uma breve introdução sobre o seu autor. John Greville Agard Pocock nasceu em Londres no ano de 1924. Ainda muito jovem teve que se mudar com sua família para a Nova Zelândia, onde passou boa parte de sua juventude e onde iniciou seus estudos como universitário em *Canterbury University*. Posteriormente, retornou para a Inglaterra, onde realizou seu doutoramento entre os anos de 1946 e 1952 em *Cambridge University*, sob orientação de Herbert Butterfield. Foi professor da *University of Otago* (1953-1956) e da *University of Canterbury* (1959-1965). Nesta última fazia parte do Departamento de Ciência Política. Em 1966 mudou-se para os Estados Unidos, onde se tornou professor na *Washington University* (1966-1974) em St. Louis, Missouri, e mais tarde na *Johns Hopkins University* (1974-1994), de Baltimore. Ele também foi professor visitante em diferentes universidades, dentre as quais podemos citar *University of California*, das cidades

¹ Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Especialista em História Antiga e Medieval pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e em Saberes e Práticas na Educação Básica, com ênfase em Ensino de História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Graduado em História pela Faculdade Porto-Alegrense - FAPA (Licenciatura Plena) e pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (Bacharelado). Professor de História na Rede Municipal de Educação de Gravataí – RS. E-mail: wolf_ismael@yahoo.co.uk

² Publicado originalmente em: POCOCK, John Greville Agard. **Politics, Language, and Time: Essays on Political Thought and History**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

³ Sociólogo brasileiro, professor da Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Ciências.



de San Diego e Los Angeles.

John Pocock é desde 2006 membro honorário do *St John's College*, de Cambridge. Também faz parte da *Royal Historic Society*, da *American Academy of Arts and Sciences*, da *American Philosophical Society* e do *Folger Institute Center for the History of British Political Thought*. Desde 1969 é membro do comitê executivo da *Conference for the Study of Political Thought*, onde foi presidente entre 1978 e 1980 e entre 1985 e 1987. Pocock recebeu diversos prêmios como o *American Philosophical Society's Jacques Barzun Prize in Cultural History* (2000) e o *American Historical Association's Award for Scholarly Distinction* (2004). Recebeu o título de doutor *honoris causa* pela *John Hopkins University* e pela Universidade de Coimbra.

Durante sua longa carreira acadêmica, Pocock publicou mais de 20 trabalhos monográficos que foram traduzidos em diferentes idiomas como francês, chinês, japonês, português, espanhol, húngaro alemão e italiano. Embora tenha produzido muitos trabalhos acadêmicos e diversos artigos, provavelmente seu principal trabalho tenha sido *The Machiavelian Moment*⁴, lançado em 1975 pela Princeton University Press.

É importante lembrar que Pocock faz parte da chamada Escola de Cambridge, juntamente com outros intelectuais como Quentin Skinner⁵ e John Dunn⁶. Esta foi espaço de criação e desenvolvimento de abordagens metodológicas como o “contextualismo linguístico” e a “história do discurso político”. Diferentemente da abordagem da *Begriffsgeschichte*, ou história conceitual⁷, que teve como seu maior expoente o historiador alemão Reinhart Koselleck⁸, que trabalha com a ideia de diacronia e que está centrada nas palavras e nos conceitos, pensando a modificação dos mesmos em uma perspectiva de longa duração, a Escola de Cambridge, através de Pocock, trabalha com a ideia de sincronia, baseando-se nos chamados “atos de fala”, nos discursos como ações e em comunidades argumentativas.

No livro “Linguagens do Ideário Político” estão presentes diferentes artigos de John Pocock, sintetizando de certa forma o pensamento do autor e sua abordagem metodológica da história do discurso político. É importante lembrar que Pocock é um especialista do séc. XVIII inglês. Portanto, seu trabalho tende a se desenvolver baseado nessa sua área de interesse, o que pode ser observado durante a leitura dos diferentes artigos. Este livro é importante pelo fato de oferecer através de uma editora brasileira a possibilidade de leitura e do estudo de parte da obra de John Pocock, possibilitando assim que mais leitores

⁴ O Momento Maquiaveliano

⁵ Filósofo e historiador britânico.

⁶ Professor emérito de Teoria Política em King's College, Cambridge.

⁷ Campo das Ciências Humanas que estuda a semântica histórica de conceitos e termos.

⁸ Autor de livros importantes como “Crítica e Crise” (1999) e “Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos” (2011).



brasileiros, acadêmicos ou não, tenham acesso a esse material, visto que a obra citada foi lançada como uma tradução em língua portuguesa⁹.

Sobre o ensaio intitulado como “O Conceito de Linguagem e O Métier D’Historien”, do qual trata especificamente esta resenha, John Pocock deixa claro este tem a pretensão de ser uma exposição de uma determinada prática e de algumas implicações. O *métier d’historien*, da forma que Pocock utiliza o termo, seria primordialmente o seu ofício ou a sua prática. Todavia, este historiador, sobre o qual ele tratou de fazer uma exposição, seria o historiador do discurso político, que lida com um campo de estudo constituído por “atos de discurso”. Atos estes que podem ser orais, manuscritos, ou impressos, levando em conta o contexto em que estes foram emitidos. Pocock lembra que “um dos contextos primários em que um ato de enunciação é efetuado é aquele oferecido pelo modo de discurso institucionalizado que o torna possível” (POCOCK, 2003, p. 64), ou seja, para que algo possa ser dito é necessário que haja uma linguagem que permita isso. É ela que irá determinar o que pode ser dito, mas que também pode ser modificada pelo que nela é dito. Portanto, existe assim uma história entre essas interações entre *parole* e *langue*, entre “atos de fala” e “linguagem”.

Em seguida, Pocock faz uma breve reflexão sobre o termo *language*, palavra em língua inglesa que pode ser traduzida como “linguagem”. Segundo ele, este termo pode ser visto como algo que muda de forma frequente, assim como é também um termo subdivisível. Ele pode ser usado quando queremos nos referir a estruturas etnicamente diferenciadas da fala humana, como as línguas inglesa, francesa, alemã e portuguesa, por exemplo. Porém, normalmente, o historiador do discurso não costuma pensar estas línguas como linguagens políticas. Muito embora, Pocock nos lembre que não é incomum encontrarmos discursos políticos do início da Europa moderna, por exemplo, compostos por diferentes línguas, ou seja, multilíngues. De toda forma, mesmo que este seja um dado importante de ser considerado, línguas etnicamente diferenciadas não seriam categorias cruciais para os estudos de um historiador do discurso político. As “linguagens do pensamento político” representam algo mais. Quando se fala dessas linguagens, o que exatamente se quer colocar são as suas “sublinguagens”. O que Pocock subdivide como idiomas, retóricas, maneiras de falar sobre política, jogos de linguagem distinguíveis, cada qual podendo ter seu vocabulário, regras, precondições, tom e estilo. No interior de uma determinada língua pode haver um número indefinido destas sublinguagens. Pocock até faz uma analogia ao discurso da caverna de Platão sobre a confusão de línguas.

Como o discurso político mostra-se “tipicamente poliglota”, é importante que o historiador que o estuda invista seu tempo em aprender as linguagens, os idiomas, as

⁹ Tradução em português brasileiro.



retóricas e os paradigmas em que tal discurso se realizou. Ao mesmo tempo, este historiador deve dedicar-se ao estudo dos atos de enunciação que foram manifestados nessas linguagens. Segundo Pocock, o historiador deve mover-se de *langue* para *parole*, aprendendo as linguagens para depois determinar os atos de enunciação que foram efetuados dentro delas. Este movimento do historiador irá trazer algumas consequências. A primeira consequência será a escrita de uma *histoire* que será fortemente *événementielle*, já que este historiador “está interessado nos atos efetuados e nos contextos no interior dos quais e sobre os quais eles foram efetuados” (POCOCK, 2003, p. 66). A segunda consequência será a escrita da história com uma característica fortemente textual e feita de enunciações. Pode-se dizer que este historiador escreve uma história das *mentalités*, “mas somente na medida em que elas são articuladas no discurso, na enunciação e na resposta publicista e polêmica” (POCOCK, 2003, p. 66). A terceira consequência será a de que esta história acabará sendo também uma história da retórica, do conteúdo afetivo e efetivo do discurso.

De acordo com Pocock, este “historiador é em larga medida um arqueólogo”. Ele se utiliza desta comparação com o ofício do arqueólogo pelo fato de o historiador do discurso político ter que se acostumar a encontrar “diferentes camadas” de contextos linguísticos, muitas vezes dentro de um mesmo texto. O historiador vai então detectando a presença de diferentes linguagens e dessa forma passa a “aprendê-las”, assim como se aprende uma língua. Conforme o historiador vai se tornando habituado com a leitura dessas linguagens, ele começa a perceber como as coisas podem ser enunciadas e expressas nelas.

Desta forma, como as linguagens, os idiomas ou as retóricas podem ser definidas como um fenômeno histórico? Esse é um dos pontos centrais para Pocock, neste ensaio.

Dentre os diferentes tipos de linguagens, Pocock cita a linguagem da escolástica medieval, a da Renascença emblemática, a da exegese bíblica, a do Direito Consuetudinário, a do Direito Civil, a do republicanismo clássico e a do radicalismo *commonwealth*. Ele ressalta que entre estes exemplos existem algumas que são altamente institucionais, empregadas por comunidades específicas em seu discurso profissional e articulando suas atividades e as práticas institucionais em que estavam envolvidas. Como Pocock deixa claro, os discursos políticos são predominantemente desenvolvidos por grupos que tem condições de impô-los aos demais grupos. Essas linguagens acabam sendo impostas sobre uma variedade de grupos leigos. É neste sentido que se percebe a importância da autoridade das elites intelectuais no que tange à criação e à difusão de linguagens. Também é possível se pensar no uso da linguagem dos governantes pelos governados, o que seria uma forma de esvaziar os seus significados e reverter os seus efeitos. Neste sentido, Pocock coloca como importantes e dignos de estudo os atos de



“apropriação” e “expropriação”. Lembrando que uma linguagem, à esta maneira, também pode ser usada por revolucionários em seus esforços para derrubar um governo.

Enquanto estiver desenvolvendo as suas pesquisas, o historiador do discurso também “descobrirá que a linguagem tem uma política própria” (POCOCK, 2003, p. 69). De acordo com o que Pocock nos diz, a linguagem do discurso tem a capacidade de gerar diferentes idiomas no interior da atividade de seu próprio discurso. Da mesma forma, esta pode tomar de empréstimo, ou ser invadida por idiomas originados em outras comunidades de discurso.

Voltando ao que Pocock chamou de “historiador-arqueólogo”, ele diz que as camadas de contextos linguísticos que este traz à tona são de caráter heterogêneo. São possíveis de identificar linguagens de prática profissional que entraram na linguagem da política e se tornaram idiomas nos quais o discurso político costuma ser realizado. Neste caso a ênfase se dá na estrutura. Também pode-se identificar, como resultados de lances e performances operadas pelos autores, idiomas que surgem, modos e estilos retóricos, que podem ser compreendidos como algo que se originou dentro do discurso e da retórica da política. Nesta segunda perspectiva a ênfase se dá no discurso, que é articulado por locutores atuando no interior de uma atividade em andamento (de debate, discussão, retórica e teoria). Segundo Pocock, o historiador-arqueólogo “vê-se obrigado a adotar ambas as perspectivas” (POCOCK, 2003, p 70). Ele as apresenta como linguagens dispostas em uma escala que vai do mais altamente institucional e estranho à linguagem ao mais altamente pessoal e idiossincrático. Embora haja essa diferença, esses dois polos não seriam mutuamente excludentes.

Pocock alerta para o perigo de se confundir *parole* com *langue*. Então, para que o historiador possa estar seguro de não estar cometendo um erro afirmando que encontrou uma nova linguagem, ele irá precisar de meios para provar que tal descoberta não é mera invenção sua, que não é mero produto de sua mente. O autor então enumera cinco pontos que podem ajudar o historiador a se sentir mais confiante quanto a isso. Ele se sentirá mais confiante à medida que puder demonstrar que diferentes autores operaram diferentes atos na mesma linguagem; à medida que puder demonstrar que cada qual discutiu os usos que os demais fizeram dela; à medida que ele puder prever as implicações, as insinuações, os efeitos paradigmáticos, as problemáticas, etc., que o uso de uma determinada linguagem teria acarretado em situações específicas; à medida que ele vivenciar surpresa, seguida de satisfação, diante da descoberta de uma linguagem familiar em lugares em que não esperaria encontrá-la; e à medida que ele deixar de considerar linguagens não disponíveis para os autores sob análise (o teste do anacronismo).

Durante o ensaio, Pocock cita algumas vezes em que o historiador aprende uma linguagem para poder lê-la e não escrever com ela. Assim, é importante que ele não encha



seus textos com pastiches das várias linguagens que aprendeu. Em sua escrita o historiador deverá usar a sua própria linguagem e não a de outrem. Através de sua prática constante, ele irá adquirir a capacidade para demonstrar em que variedade de linguagens um determinado texto foi escrito e mais tarde lido. Da mesma forma ele também deve saber dizer em que linguagens isso não era possível de ser feito em uma determinada época.

Este historiador, segundo Pocock, deve estar em condições de estudar a criação de linguagens em qualquer lugar no contexto social, assim como a sua difusão no interior da atividade do discurso político. Isso é necessário para que ele possa identificar os contextos linguísticos em que os atos de fala são emitidos. Para tanto, ele precisa estar “equipado” para mostrar que a performance dos atos de fala leva à criação e à difusão de novas linguagens. Sendo que há Geração de linguagens causada pelas interações entre *langue* e *parole*, assim como pelas atividades, práticas e contextos da sociedade. Desta forma, o historiador deve estar ciente de que a linguagem é uma atividade contínua. Ela estabelece suas próprias regras e também pode determinar as maneiras como essas regras podem ser alteradas.

Pocock lembra que faz parte do *métier* do historiador que ele, por vezes, esteja envolvido no estudo da história de uma literatura, “uma forma de discurso desenvolvida por meio da produção de textos escritos e impressos, que ele se esforça para expor como acontecimentos nessa história” (POCOCK, 2003, p. 74). Neste sentido podem ser feitos alguns questionamentos: Como as *paroles* modificam as *langues*? Como ajudam a criar e difundir novos idiomas de discurso? O historiador do discurso deve indagar se o texto efetua uma série unitária de atos ou uma série plural e heterogênea. Hipóteses estas que não são mutuamente excludentes. Como exemplo, Pocock usa a metáfora do autor como aquele que entrelaça idiomas em uma peça de tapeçaria criando uma peça unitária. No que tange à capacidade de previsão dos autores sobre as respostas dos leitores, ele faz a ressalva de que embora haja autores astutos o bastante para prever e explorar a diversidade das respostas dos leitores, é de se imaginar que nenhum tenha sido capaz de prever todas as respostas que seu texto viria a provocar. Isso pelo fato de um mesmo texto poder ser ator em uma série indefinida de processos linguísticos, de interações entre enunciação e contexto.

Fugindo um pouco da ideia do historiador como “arqueólogo”, Pocock lembra que este deve ser capaz de demonstrar como a *parole* agiu sobre a *langue*, mostrando que “qualquer texto foi verbalizado e realizado em uma diversidade de idiomas, cada qual constituindo um modo convencional de enunciação e exercendo uma força paradigmática” (POCOCK, 2003, p. 75). Para tal, o historiador deverá se utilizar também de seu conhecimento sobre as situações históricas em que o autor estava inserido. Partindo disso o historiador poderá



apresentar explicações precisas sobre uma variedade de atos de fala que o texto e o autor podem ter visado/realizado e passará então a discriminar estes atos.

Quanto aos fenômenos de encontro entre o novo e o velho, ou seja, entre as tensões geradas pelo encontro entre velhas convenções e novas circunstâncias, Pocock diz que o historiador buscará estudar as sequências em que tais fenômenos podem ser observados. Sobre tais fenômenos ele afirma que há dois preceitos importantes: 1º) A criação de uma nova linguagem pode ter lugar na tentativa de manter a velha linguagem, não menos que na tentativa de mudá-la; 2º) Dado que o uso de qualquer linguagem pode ser mais ou menos difundido, o número de atores e a diversidade de seus atos envolvidos nesses processos podem diferir bastante.

Mais à frente no ensaio, Pocock questiona sobre como podem ser efetuadas as inovações e como estas podem resultar na criação e difusão de novas linguagens. Sobre a inovação verbal, ele a define como uma inovação que sugere, e conforme sua força impõe, alguma mudança nas regras ou nas convenções da linguagem política. Os atos que sugerem alguma inovação verbal podem ser efetuados explícita ou implicitamente, e nem sempre são feitos de forma consciente. Em muitos casos alguns autores acabam se tornando mais inovadores do que eles próprios imaginavam, ou gostariam de ser. Isso está diretamente relacionado com a *rezeption*, com a resposta de cada leitor. No que tange aos autores inovadores, que de alguma forma propõe alguma mudança nas regras do jogo linguístico, Pocock expõe que alguns autores acabam inovando tanto no campo textual quanto no contextual. Eles são lidos e respostas lhes são dadas, e suas *paroles* têm consequências que afetam a *langue*. Outros inovadores, como Platão e Marx, acabam criando e difundindo novas linguagens graças ao fato de se tornarem autoridades.

O texto de Pocock coloca então os seguintes questionamentos: Como uma retórica se institucionaliza? Como se torna um idioma ou linguagem disponível para os propósitos de outros? Para ele a primeira maneira de se buscar essas respostas seria discursiva. Ao “aprender uma linguagem” o historiador aprende a reconhecê-la em qualquer lugar em que ela apareça e a notar sua presença em uma diversidade de textos e contextos, alguns dos quais podem ser muito diferentes daqueles em que este historiador a viu formulada pela primeira vez. Seguindo por esse caminho, o historiador pode estudar a difusão de uma determinada linguagem, em um campo de constantes transformações e interações, e pode identificar se ela deixou de ser utilizada apenas por alguns debatedores e se tornou um recurso difundido e disponível, sendo até mesmo utilizada por pessoas envolvidas em discussões para as quais ela não foi exatamente criada. É neste momento então que a linguagem assume, segundo Pocock, um papel metafórico, bem como paradigmático. Ele lembra que estudar desta maneira a difusão e a criação de uma linguagem apresenta uma



vantagem e uma desvantagem. A vantagem é que isso possibilita ao historiador mapear o campo do discurso e estudar a ação e a transformação se efetuando nele. A desvantagem está em que isso virtualmente confina o estudo à história do discurso registrado: a uma história de textos, literatura e debates interdisciplinares, na qual a resposta a um ato de escrita e publicação é contestável somente quando essa resposta é, por sua vez, outro ato de escrita e publicação. Os únicos autores dessa história acabam se tornando os publicistas.

Quanto à história da *langue* e da *parole* no universo da linguagem oralmente transmitida, este universo não pode ser detectado através da história de um texto dialogando com outro. É difícil obter registros dessa história, mas Pocock lembra que estes registros existem. Então, quando o historiador tem algum destes vestígios em mãos, ele pode indagar sobre como o discurso oral pode ter interagido com o discurso impresso, o da cultura popular com o da cultura especializada, e outras perguntas do gênero.

Outra abordagem que pode ser interessante ao historiador é a que pretende estudar as estruturas materiais e sociais pelas quais se disseminam as linguagens. Esta pode contribuir para que o historiador aguace sua consciência com relação aos espaços, campos e estruturas de comunicação no interior das quais as linguagens políticas foram criadas e difundidas. Segundo Pocock, também é importante que o historiador tenha uma boa compreensão geográfica, identificando os territórios onde determinadas linguagens estavam disponíveis e onde certos paradigmas tinham autoridade.

Como Pocock bem descreveu, o historiador da criação e da difusão de linguagens políticas é um historiador das interações entre *parole* e *langue*. De certa forma, percebo que este ensaio complementa outros textos do mesmo autor, como “Introdução: O Estado da Arte” (POCOCK, 2003, pp. 23-62) e “Autoridade e Propriedade” (POCOCK, 2003, pp. 101-126). A explanação de Pocock sobre o conceito de linguagem é muito esclarecedora, na medida que ele expõe os fundamentos necessários para que o historiador que trabalha com a história das linguagens e dos diferentes pensamentos políticos possa se guiar durante a sua prática. Prática essa que deve compreender que as linguagens estão em constante processo de transformação, interação, criação, recriação e adaptação, o que podemos perceber através de um estudo detalhado das mesmas. Contudo, é importante que este historiador possa estar atento às interações entre *langue* e *parole*, identificando os “lances” e os contextos em que estavam inseridos na emissão e na recepção de ideias, bem como as inovações realizadas e os efeitos produzidos.



REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Milton Meira do. Tecidos da história: o historiador inglês J. G. A. Pocock destrói vários tabus da historiografia moderna. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1406200301.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

POCOCK, John Greville Agard; MICELI, Sergio (org.). **Linguagens do Ideário Político**. Tradução de Fábio Fernandez. São Paulo: Edusp, 2003.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Faculdade de Letras. **Doutoramento honoris causa do historiador John G. A. Pocock (29 de setembro de 2010)**. Coimbra: Biblos – Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. 8, 2010, pp. 428-453.